

FEDERICO SANTAITI

O Gato dos Sete Nomes

«Um romance envolvente
e uma homenagem aos
nossos adorados gatos.»

Libero



*Aos meus três gatos, Blacky, Thorin e Ragù, que,
com a sua presença silenciosa, me têm acompanhado
nos dias e nas noites de pensamentos, escrita e sonhos.*

Índice

1. No reflexo	11
2. Fambre e queijo	18
3. O elástico de cabelo	24
4. Uma nova amiga.	34
5. Uma pequena vingança.	43
6. Tudo muda.	52
7. A loja em frente	56
8. <i>Da capo</i>	62
9. Volto já.	71
10. Na montra	78
11. O bilhete misterioso	86
12. Na carrinha	94
13. Companheiros de viagem	101
14. Corações errantes	108
15. No trabalho	121
16. Um futuro melhor	126
17. Papel e carvão.	132
18. Muito bem!.	137
19. O jantar	143
20. Cem	152
21. O mural	158
22. Eu fico aqui	164
23. O banco ao sol	167

24. A queda	172
25. Mudanças.	178
26. Residência serena	184
27. Sempre foi a minha casa	190
28. O mais acertado	197
29. Deste lado do vidro.	202

No reflexo

Se a curiosidade tivesse um rosto, provavelmente seria o de um gato; uma cria de seis semanas, para ser mais exato, com o nariz sujo, o pelo preto eriçado e os olhos vivos e brilhantes, dois faróis verde-escuros numa noite de fim de março. Exatamente como o gatinho que naquela noite vagueava pelas ruas de um vilarejo com as suas patinhas curtas e ágeis como molas, a dançar de um lado para o outro do passeio. No centro do peito, um pouco abaixo do focinho, tinha um tufo de pelos brancos que faziam lembrar um pequeno diamante.

As ruas por onde o gatinho corria estavam desertas, iluminadas apenas pelas débeis luzes dos lampiões acabados de acender. O Sol pusera-se pouco antes e tingia metade do céu de um vermelho-claro, enquanto a outra metade ficava mais cinzenta e escura com o passar dos minutos. De vez em quando, um relâmpago distante rasgava a escuridão, seguido de um estrondo sombrio.

O gatinho, porém, não prestava atenção à tempestade que se aproximava e nem sequer se voltou para o grande cão branco que começara a ladrar-lhe atrás do portão de uma casa.

— Calma, calma... — disse uma mulher de meia-idade que passava por ali naquele momento. — Pregaste-me cá um susto!

— Olha, Luisa, apanhei dois! Não são lindos? — perguntou-lhe o colega, um rapaz chamado Edoardo, aproximando-se

e levantando a caixa transportadora onde dois gatinhos miavam, assustados.

— Que pequeninos... — comentou a mulher. — Acho que vi um terceiro ali à frente, do outro lado da rua. Parece-me que se escondeu entre aquelas plantas. Vamos ver!

Quando começavam a cair as primeiras gotas de chuva e o grande cão branco recomeçava a ladrar, os dois voluntários entraram no pequeno parque do bairro.

Edoardo ajoelhou-se e começou a procurar o gatinho debaixo de alguns arbustos.

— Por aqui, nada — disse ele a Luisa.

— Tens a certeza? — perguntou ela, a espreitar perto dos baloiços e do castelo com escorrega.

— Com esta escuridão, já não vejo grande coisa, mas, se houvesse outro gatinho aqui, já o teríamos encontrado, não achas?!

— Vamos tentar com luz! — Luisa acendeu a lanterna do seu telemóvel, e o rapaz fez o mesmo.

— Não, nada!

— Pronto, devo ter-me enganado. Voltamos para casa?

— Sim, os dois filhotes precisam de comida, e está a começar a ficar frio. Vamos voltar para o abrigo!

No entanto, bem escondido debaixo de um dos equipamentos do parque, estava realmente o gatinho de olhos verdes. Observou os dois voluntários afastarem-se enquanto caíam as primeiras gotas de chuva e só depois de eles desaparecerem na esquina, saiu do esconderijo e retomou o caminho com passos leves e silenciosos. Acabara de conquistar a liberdade e não fazia tenção alguma de acabar naquela gaiola apertada com os dois irmãos.

Pela segunda vez, passou diante do grande cão branco, que o farejou de imediato e voltou a ladrar ruidosamente.

Mas o bichano passou por ele de novo com ar indiferente, sem se dignar a dirigir-lhe o olhar.

Na noite chuvosa, sob as luzes dos candeeiros de rua, o negro profundo do seu pelo molhado adquiria tons de azul e azul-claro e reflexos iridescentes, como se o céu tivesse decidido pintar-lhe no dorso uma tela de cores cintilantes.

A chuva ia ficando cada vez mais intensa, e os primeiros calafrios deixavam-lhe as patinhas a tremer. Tinha de encontrar o quanto antes um abrigo quente e seco onde passar a primeira noite sozinho, sem a mãe e os irmãos.

Enquanto atravessava uma rua, os faróis de um carro estacionado à beira da estrada acenderam-se, revelando os olhos esmeralda do gatinho em toda a sua beleza: irradiavam uma luz misteriosa, parecendo poços de segredos antigos e aventuras desconhecidas.

O carro arrancou, e o gatinho evitou-o por um triz. Correu em linha reta ao longo de cinquenta metros, virou à esquerda e continuou até ao cruzamento seguinte. Ali, a luz quente e convidativa que se filtrava pelas janelas de uma pequena casa chamou-lhe a atenção.

O gato ficou imóvel por alguns instantes, a observar a casa por trás das grades do portão.

Um relvado inglês bem cuidado cobria a área em redor, formando um tapete homogêneo interrompido aqui e ali apenas por uma pequena árvore e algumas plantas com flores perfumadas.

Um pequeno caminho de pedra separava o gato da porta de entrada e das grandes janelas, através das quais via uma sala de estar acolhedora com a lareira acesa. Um lugar perfeito para dormir.

Então, ganhou coragem e aproximou-se timidamente. Tendo sido tão valente ao permanecer escondido quando os dois

voluntários se encontravam a poucos centímetros dele, não ia agora ter medo.

Ao chegar junto de uma das portas envidraçadas, percebeu que esta contava com uma pequena portinhola do tamanho certo para um gato. Tentou tocar-lhe com a pata algumas vezes, mas a portinha não se moveu nem um milímetro.

Enquanto o vento sussurrava segredos entre os galhos das árvores e a chuva continuava a cair com cada vez mais intensidade, o bichano encostou o nariz ao vidro molhado e observou melhor o interior da casa. A sala de estar estava decorada com móveis rústicos mas elegantes e poltronas macias em tonalidades terra. Em frente à lareira havia também um grande sofá com vários arranhões, especialmente num dos braços.

Entre os bibelôs que enchiam quase por completo as prateleiras nas paredes, o gatinho reparou em algumas fotografias de seres humanos e várias decorações representando gatos. Então, farejou, impressionado por um aroma convidativo: de algum lugar surgia um aroma delicioso de comida. Sentiu o estômago a protestar: começava a ter fome, pois já haviam passado várias horas desde a última vez que mamara.

Continuou a examinar a sala durante vários minutos, na esperança de que alguém lhe abrisse a porta ou de encontrar uma abertura por onde pudesse entrar. Na verdade, não fazia qualquer tenção de desistir: a sua bússola interior, o seu instinto, conduzira-o até àquela casa, entre todas as daquele bairro. E isso, sentia-o, tinha de significar alguma coisa.

Entregue a tais reflexões, viu um gato bastante grande surgir lentamente da penumbra da sala. Bastou um olhar para perceber que já tinha uma certa idade: o pelo era preto, mas, tendo decerto sido liso e brilhante em tempos,

agora mostrava-se crespo, opaco e, em alguns pontos, todo emaranhado.

O grande gato esfregou-se num dos braços do sofá, começando pela cabeça e continuando com o resto do corpo; finalmente, arqueou as costas e esticou as patas dianteiras, cravando as garras na superfície do divã.

Os seus movimentos, lentos e calculados, não deixavam de ser elegantes. Depois de ter atacado o sofá, dirigiu-se para a lareira e deixou-se cair com todo o seu peso no pavimento de madeira.

Agora que o gato grande estava deitado no chão e bem iluminado, o gatinho pôde observá-lo melhor. Tinha uns olhos verdes grandes, cansados, velados, olhos que haviam visto muitas luas nascerem e porem-se, mas nos quais ainda se vislumbrava um lampejo de vivacidade e curiosidade. O que mais chamou a atenção do gatinho foi, porém, o tufo de pelos brancos que o gato mais velho tinha sob o pescoço. Aquela pequena mancha clara assemelhava-se incrivelmente ao diamante branco que ele próprio tinha mais ou menos no mesmo lugar: vira-o várias vezes ao observar o seu reflexo nas poças de água, tinha a certeza.

— Está na hora da papa! — ouviu-se exclamar de repente.

O gatinho virou-se na direção da voz e viu uma rapariga aparecer na sala com um pequeno prato de cerâmica branca, pousando-o no chão.

— Vamos, tenta comer alguma coisa... — disse a rapariga.

No entanto, o que quer que estivesse ali dentro não parecia interessar muito ao gato.

O bichaninho, por outro lado, faminto como estava, esqueceu por um instante que havia um vidro à sua frente e tentou lançar-se à comida. O som que o seu corpinho fez ao embater

contra a janela chamou a atenção do gato mais velho, que até então não percebera que estava a ser espiado.

O gato virou primeiro as orelhas e depois o focinho. A ideia de se deitar nas pernas da dona, que acabara de se sentar no sofá, era muito tentadora, mas sentia algo estranho.

O vento que soprava lá fora e se infiltrava entre os galhos das árvores e nas chapas das caleiras parecia chamá-lo, gritar o seu nome. Então, com ar orgulhoso, levantou a cauda em forma de ponto de interrogação e dirigiu-se à janela. O gatinho, ao vê-lo aproximar-se, não pestanejou, nem sequer pensou em fugir.

E assim, logo de seguida, os dois gatos encontraram-se frente a frente, separados apenas por uma superfície de vidro, uma linha ténue como a que divide o dia da noite, a vida da morte. Contudo, enquanto o gatinho via o outro à sua frente, o gato mais velho só conseguia observar o seu próprio reflexo e o da sala, atrás de si.

Até que um relâmpago rasgou repentinamente as nuvens, revelando o poder e a majestade do céu e iluminando por uma fração de segundo o jardim, a árvore, o caminho de pedra e, acima de tudo, o gatinho.

O véu invisível caiu, e, finalmente, os dois gatos fitaram-se apenas por um segundo. Mas foi o suficiente para que aquele olhar atingisse as suas almas.

Então, o relâmpago apagou-se e um trovão ressoou não muito longe.

Foi nesse momento que o velho gato fechou os olhos pela última vez, deixando que a alma se libertasse das correntes do tempo e do espaço.

O gatinho permaneceu ali por alguns instantes, imóvel mas vibrante de vida. Então, a mesma força misteriosa

e potente que o havia levado até ali fê-lo recuar. Percorreu de volta o caminho do acesso, enfiou-se entre as barras estreitas do portão da casa e desapareceu na escuridão, enquanto a chuva continuava a cair suavemente e a noite envolvia o mundo no seu abraço frio.

Fiambre e queijo

— Mãe, vou sair! — gritou Matilde.

— Levas tudo? — perguntou-lhe da cozinha Anna, a mãe, num tom preocupado.

— Sim! — respondeu a filha, um pouco irritada, já com a mão a agarrar a maçaneta da porta, pronta para sair. Porém, antes que pudesse abri-la, ouviu os passos rápidos da mãe.

— Não levas, não: esqueceste o lanche... Preparei-te a sanduíche de fiambre e queijo de que gostas tanto!

— Sim, é o que como todos os dias... — ripostou Matilde num tom algo abespinhado, esquivando-se aos gestos afetuosos de Anna. — Agora vou. Adeus!

— Por favor, não fiques no meio da rua a conversar com os teus amigos, que ainda perdes o autocarro!

Mal a mãe terminou a frase, Matilde saiu a correr. Mas tinha ouvido tudo.

— Fica descansada, mãe. Quem haveria de parar para conversar comigo? — sussurrou para si mesma.

Passava pouco das sete da manhã e as ruas começavam a ganhar vida, principalmente cheias de crianças que, de mochila às costas e rostos ainda sonolentos, corriam para a paragem do autocarro escolar. Todas tinham pelo menos um companheiro de viagem; todas, exceto Matilde.

Matilde tinha doze anos e frequentava o sexto ano. Tinha um rosto redondo e rechonchudo, que ainda conservava a doçura da infância. As suas faces eram rosadas, emolduradas por uma cascata de cabelos negros, espessos e brilhantes, que a mãe prendia todas as manhãs em duas longas tranças. Era um pouco mais cheiinha do que as outras meninas, e isso, além da timidez e do feitio naturalmente calmo e silencioso, tornava-a um alvo fácil para alguns dos seus colegas.

«Matilde, és incrível... a comer!» e «Matilde, não tens amigas porque as comeste?» eram apenas alguns dos comentários que era obrigada a ouvir todos os dias na escola.

Com o seu silêncio e o olhar baixo, parecia incapaz de se defender, o que alimentava ainda mais as provocações dos rufias. Estes não percebiam que as suas palavras não eram simples brincadeiras, mas flechas que a atingiam profundamente, fazendo-a sentir-se cada vez mais sozinha.

— O que é que a tua mãe te preparou hoje? — perguntou alguém de repente atrás dela, enquanto lhe arrancava das mãos o saco que continha o almoço.

Matilde mal teve tempo de reagir ou responder, Alessandro já o tinha aberto.

— Mais fiambre e queijo?! — exclamou o engraçadinho.

— É por isso que és gorda, comes sempre as mesmas coisas! — acrescentou Luca, que estava ao lado dele. Depois, pegou na sandes embrulhada em celofane e atirou-a com força contra Matilde.

Ela tentou agarrá-la no ar, mas a sanduíche saltou várias vezes nas suas mãos e acabou por cair no chão, mesmo no meio de uma poça.

— Pronto, agora vai saber melhor! — disse Luca, dirigindo um sorriso zombeteiro ao amigo, que se desmanchou a rir.

De seguida, satisfeitos com a crueldade do gesto, os dois miúdos afastaram-se rapidamente em direção à paragem. As suas gargalhadas dissiparam-se no ar, enquanto Matilde permanecia ali, imóvel, de olhos fixos na sanduíche mergulhada na poça.

Sem dizer uma palavra, baixou-se e apanhou-a com dois dedos, observando-a escorrer, tristemente.

— Fosse como fosse, eu não ia comer isto — murmurou para si mesma, fingindo uma amarga indiferença. A segurar a sandes como um objeto indesejado, continuou a caminhar em direção à paragem de autocarro, já a pouco mais de cinquenta metros.

— Não havia um caixote do lixo por aqui? — Examinava o poste de um sinal de trânsito onde, por alguma razão, estava convencida de que encontraria um. — Não posso levá-la para a escola, vou molhar a mochila toda — pensou, olhando rapidamente em volta à procura de um contentor. A ideia de a atirar para o chão nem lhe passou pela cabeça: era uma menina sensata, provavelmente mais responsável e madura do que muitos adultos.

Já não lhe restava muito tempo, faltavam apenas alguns minutos para a partida do autocarro escolar. Desatou então a correr em direção ao parque infantil, que não ficava muito longe, e acelerou o passo, ultrapassando a paragem do autocarro escolar cheia de crianças barulhentas. Entre elas estavam Luca e Alessandro, que, como sempre, não perderam a oportunidade de escarnecer dela:

— Ei, Matilde! Hoje decidiste ir a correr até à escola? — gritou o primeiro.

E imediatamente o outro acrescentou:

— Rebola, Matilde, rebola! Rebola que chegas mais depressa!

Aquelas palavras cruéis atingiram-na com a intensidade de sempre, mas Matilde não parou. Deixou que as piadas passassem por ela, que entrassem e saíssem dos seus ouvidos como se fossem ar. O seu único pensamento, naquele instante, era descobrir um sítio onde pudesse deitar fora a sanduíche.

Àquela hora, o parque infantil estava completamente vazio, silencioso, com os baloiços a oscilarem levemente, impulsionados pelo vento, e o castelo com o escorrega a destacar-se contra o céu cinzento da manhã.

«Um caixote do lixo!», pensou com alívio, ao avistar finalmente um a poucos metros. Já se regozijava interiormente com a ideia de não perder o autocarro escolar, quando tropeçou na raiz de uma árvore. Sentiu o pé travar e, num instante, perdeu o equilíbrio e caiu ruidosamente no chão, de cara, com os braços abertos, numa tentativa inútil de amortecer o impacto.

Estatelada no asfalto, Matilde permaneceu imóvel. Ansiava, desesperadamente, tornar-se invisível, fundir-se com o chão por baixo dela. O coração batia-lhe com força, e a ideia de ter sido vista por alguém ou, pior ainda, pelos colegas assediadores paralisava-a.

— Porque é que isto me acontece sempre a mim? — perguntou-se em voz baixa, enquanto se levantava. A dor nas palmas das mãos e nos joelhos esfolados aumentava, mas tentou conter as lágrimas. Não era apenas a queda que a magoava, mas o medo de ser ridicularizada mais uma vez.

— OK, vamos ver quantos me viram... — murmurou para si mesma, com o coração ainda a martelar-lhe no peito. — Um... dois... três! — contou mentalmente e depois virou-se para a paragem do autocarro escolar, pronta para deparar com olhares divertidos ou de escárnio.

Para sua surpresa, ninguém parecia ter assistido à sua queda aparatosa. Soltou um suspiro de alívio.

Contudo, percebeu rapidamente o motivo: o autocarro escolar acabara de chegar, e todos tinham entrado nele! De olhos arregalados, observou as portas fecharem-se uma após outra e, em seguida, o veículo afastar-se.

— Não, não, não! — exclamou a menina, sentindo o pânico crescer dentro de si. — Não acredito... Tudo por causa daquela sanduíche que eu nem queria! — exclamou.

Foi então que se lembrou da merenda, que tinha acabado no chão, mesmo por baixo do caixote do lixo, como se estivesse a fazer troça dela. Baixou-se para a apanhar e, de repente, ouviu um miado fraco. Sobressaltou-se, surpreendida, e olhou para o arbusto ao lado. E ali estava ele, diante de si: o gatinho de grandes olhos verdes que, na noite anterior, fugira dos voluntários do abrigo para animais.

O bichano, intrigado com a menina, aproximou-se lentamente, soltando miados fracos.

— Um gatinho! — exclamou Matilde. O seu coração, ainda agitado pela corrida e pela frustração, suavizou-se de repente ao ver aquele bichinho com o pelo preto todo desalinhado. — Onde está a tua mãe? — perguntou-lhe em voz terna, enquanto olhava em volta. Contudo, o parque infantil estava deserto.

O filhote, que não conseguira comer nada naquela noite, começou a olhar insistentemente para a sanduíche que Matilde segurava na mão, atraído pelo seu cheiro.

— Ah... estás com fome, não é? — E, dizendo aquilo, a menina descartou o invólucro e retirou as fatias de fiambre. O gato não queria outra coisa: de um salto, apoderou-se daquela comida com um cheiro delicioso e, em pequenas dentadas,

devorou tudo. Então, finalmente de barriga cheia, para agradecer à menina, começou a ronronar e a esfregar-se na sua mão.

Matilde observava-o com um misto de ternura e alívio, acariciando-lhe delicadamente o dorso. Teria ficado com ele o dia todo, mas sabia que faltar à escola não era possível. Na verdade, já estava resignada com a ideia de ter de voltar para casa e enfrentar a mãe, inventando alguma desculpa por ter perdido o autocarro. No entanto, o barulho de um motor a aproximar-se chamou a sua atenção: vinha lá outro autocarro escolar!

— Meu Deus, é o último! Se me despachar, talvez consiga! — pensou. Já a correr em direção à paragem, virou-se para o seu novo amigo e gritou: — Adeus, gatinho, tenho de ir! Mas, se te portares bem e ficares aqui, amanhã trago-te mais fiambre!

O elástico de cabelo

Nesse dia, quando o telemóvel na mesinha de cabeceira vibrou para a acordar, Matilde já estava de pé. Um acontecimento verdadeiramente raro, já que decerto não era madrugadora. Não que fosse preguiçosa, mas adorava ficar debaixo das cobertas até ao último minuto.

Completamente vestida, incluindo sapatos, apareceu na cozinha tão silenciosamente que a mãe, ainda ocupada a preparar o lanche do costume, não a ouviu chegar.

— Então, essa sandes? Está pronta? — perguntou a menina, num tom mais brusco do que o habitual.

— Meu Deus, Mati! Ia-me dando um ataque! Já estás pronta para sair? Querias ver chuva, era? — respondeu Anna, brincando, enquanto olhava para as poças e para o céu enevoadado lá fora.

Matilde riu-se, abanando a cabeça.

— Não, não, já chega de chuva! Só quero chegar cedo à escola para rever a matéria antes do teste — explicou, tentando disfarçar a impaciência. — E põe mais fiambre! — acrescentou, lançando um olhar para a sanduíche ainda não preparada.

— Mais ainda? Já tem quatro fatias! — protestou a mãe, divertida com o pedido exagerado.

No entanto, obedeceu e nem teve tempo de embrulhar a sanduíche, pois Matilde arrancou-lha das mãos e fechou a porta da casa atrás de si.

— Mas o que lhe terá dado hoje? — perguntou-se a mãe, ainda incrédula.

Era tão cedo que lá fora as luzes dos candeeiros ainda iluminavam os passeios desertos, e não havia sinal das outras crianças, que normalmente apinhavam as ruas. Matilde caminhava rapidamente, com um sorriso a cintilar-lhe no rosto. Em pouco tempo, chegou ao parque onde, no dia anterior, conhecera o gatinho.

— Com este nevoeiro, parece que estamos num filme de fantasmas — murmurou para si mesma, enquanto começava a procurá-lo.

— *Bichano*, voltei! *Bichano*? — chamou em voz baixa, como se não quisesse interromper a quietude da manhã. O gatinho estava escondido no meio de um arbusto, como no dia anterior, mas, quando ouviu a voz da menina e inspirou novamente aquele cheiro delicioso, saiu imediatamente. Com um olho ainda semicerrado, como se tivesse acabado de acordar, aproximou-se de Matilde, emitindo um miado longo e agudo de boas-vindas.

— Aqui estás tu! Trouxe-te o fiambre, como prometi. — A menina agachou-se, colocou a sandes no chão e, usando o pão como se fosse um prato, desfez as fatias de fiambre em pedaços.

O gatinho começou imediatamente a ronronar, com a cauda a vibrar, virada para cima, um sinal claro de felicidade.

Matilde acariciou-o suavemente.

— Come descansado, não me vou embora — sussurrou com ternura, sentando-se no banco ao lado. Observava o gatinho com uma atenção quase hipnótica. Arregalados, os seus olhos estavam cheios de espanto diante daquela pequena criatura tão frágil e doce.

Quando o gatinho acabou de comer, precipitou-se na direção dela e esfregou-se afetuosamente nos seus tornozelos, antes de dar um salto e de se enroscar nos seus joelhos, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

— Então, somos oficialmente amigos? — perguntou-lhe a menina em tom de brincadeira.

E, como se tivesse compreendido a pergunta, o gatinho respondeu com um miado seco.

Matilde desatou a rir, grata por aquele momento tão especial.

— Ai, que bom! Estou muito feliz — respondeu ela, abraçando-o delicadamente. — Até porque és o meu único amigo...

Foi então que, de súbito, o gatinho reparou no elástico cor-de-rosa que prendia uma das tranças de Matilde. Intrigado, esticou a patinha tentando agarrá-lo.

— Queres brincar, *Bichano*? Espera.

Matilde tirou o elástico e começou a mexê-lo lentamente diante dos olhos do animal, que, de imediato, tentou agarrá-lo com movimentos rápidos e determinados.

Então a menina lançou o elástico para a relva fresca, e o gatinho perseguiu-o com um salto ágil, apanhando-o em pleno voo antes de aterrar no relvado, onde começou a rebolar, debatendo-se amistosamente com aquele estranho adversário.

Bichano e Matilde brincaram durante vários minutos. Ele, que não se divertia tanto desde a última vez que lutara com um dos irmãos, não iria parar: de cada vez que corria, rápido, atrás do elástico, movia as patas felpudas com uma graciosidade quase inata, ainda que, no entusiasmo da perseguição, por vezes escorregasse no chão molhado. Era realmente engraçado!

Entretanto, o Sol começou a abrir caminho entre as nuvens, iluminando o relvado e aquecendo o ar fresco, e o ronronar do gato misturava-se com os sons suaves típicos do início do dia: janelas a abrir, portas a fechar, carros a arrancar, vozes de pessoas na rua. Crianças e adolescentes, com mochilas demasiado pesadas para os seus ombros, arrastavam-se, sonolentos, em direção à paragem.

Agora que o nevoeiro começava a levantar, Matilde via passar os primeiros autocarros escolares com os faróis ainda acesos na neblina leve.

— *Bichano*, daqui a pouco também terei de ir... — avisou-o num tom doce mas triste, acariciando-lhe delicadamente a cabecinha.

O gatinho parou por um instante e olhou para ela como se tivesse percebido.

— É verdade. Tenho de ir para a escola — continuou Matilde com um leve suspiro. — E hoje não posso apanhar o último autocarro, no último instante; ontem quase cheguei atrasada! Mas não te preocupes, *Bichano*, prometo que volto. Aliás, sabes que mais? Hoje à tarde, em vez de ir logo a correr para casa, venho aqui ter contigo, está bem?

O gatinho respondeu com um miado afetuoso, parecia aprovar o plano.

Matilde riu:

— Então está decidido. — E inclinou-se para lhe fazer uma última festinha, antes de se dirigir para a paragem.

No entanto, mal começou a andar, *Bichano* pôs-se a segui-la em pequenos passos, absolutamente decidido a não ficar para trás.

— Oh, não, lamento imenso, mas não podes vir comigo. E é melhor ficares longe da estrada! — sussurrou suavemente, virando-se para ele.

O gatinho, porém, continuou a correr atrás dela, imperturbável. Não queria ficar de novo sozinho.

Para lá da cerca que delimitava o parque infantil, estendia-se o jardim propriamente dito: um grande espaço verde com bancos e caminhos de gravilha que serpenteavam entre árvores e arbustos, àquela hora frequentados apenas por corredores e pessoas a passearem com os cães.

Então Matilde entrou num desses acessos até chegar a uma zona tranquila, longe da estrada e cheia de vegetação, e aí lançou pela última vez o elástico cor-de-rosa para longe, no meio dos arbustos. *Bichano* agachou-se atrás de um tufo de erva, como se fosse uma trincheira, concentrou-se bem e de seguida fez a sua ofensiva. E, no momento exato em que agarrava o elástico com as unhas, ouviu a menina exclamar atrás de si:

— Desculpa! Prometo voltar hoje à tarde! — Quando se virou, a amiga já desaparecera.

Só quando Matilde entrou no autocarro escolar e se sentou perto da janela para verificar uma última vez se o gatinho não a seguira reparou no seu reflexo desfocado no vidro da janela e percebeu o penteado estranho com que ia para a escola: tinha metade do cabelo preso numa trança e a outra metade solta.

Na escola, as horas passaram de forma lenta e pesada. Para Matilde, as aulas pareciam não ter fim, as palavras dos professores confundiam-se na sua cabeça, e o seu olhar perdia-se frequentemente no exterior da janela, imaginando o momento em que tornaria a ver o gatinho.

Finalmente, porém, o som estridente e familiar do toque interrompeu aquelas horas opressivas. Matilde sacudiu-se como se tivesse sido despertada de um longo sono. O burburinho

dos outros alunos encheu a sala de aula, e, sem perder tempo, a menina guardou os livros na mochila com toda a rapidez, levantando-se de um salto... mas foi imediatamente empurrada por dois valentões que a intercetaram pelo caminho.

— Anda lá, mexe-te! Estás a ocupar o corredor todo! — gritou Alessandro, rindo.

Ela não reagiu, nem sequer olhou para eles. Suspirou e deixou-se cair na cadeira por um momento, permitindo-lhes que passassem sem opor resistência. A sua mente já estava noutro lugar, projetada no gatinho que esperava por ela.

Depois de entrar no autocarro escolar, pegou rapidamente no telemóvel e escreveu uma mensagem: «Mãe, vou à biblioteca estudar com uns colegas, está bem? Vemo-nos mais tarde.» Não era verdade, mas sabia que assim teria tempo de sobra para passar pelo parque sem levantar suspeitas. De seguida, foi sentar-se na primeira fila, mesmo ao lado do condutor, um lugar que ninguém queria ocupar. Era o canto dos «solitários», dos «esquisitos», dos que preferiam a tranquilidade. Na verdade, o autocarro estava dividido em áreas bem definidas: no fundo estavam os «encrenqueiros» e os rufias, aqueles que gritavam, riam ruidosamente e diziam piadas sem nunca se preocuparem em incomodar os outros. No meio ficavam os que não faziam grande balbúrdia, mas também não permaneciam em silêncio. Eram os que conversavam, comentavam o dia e partilhavam histórias sem nunca chamar muita atenção.

Por sua vez, à frente iam os cromos, os introvertidos e aqueles que preferiam permanecer isolados.

Matilde sentava-se sempre ali, longe de olhares intrusivos, onde podia refugiar-se nos seus pensamentos. Mas, no fundo, não se importaria de recuar algumas filas e ter um amigo ao lado.

Estava a pensar nisso quando as portas do autocarro se abriram na sua paragem com o habitual silvo mecânico. Sem hesitar, a menina desceu e dirigiu-se para o parque infantil, com a mochila a ressaltar-lhe levemente nos ombros.

A tranquilidade e o silêncio que a haviam recebido algumas horas antes tinham sido varridos por uma verdadeira tempestade de crianças que corriam por toda a parte, gritando e rindo à gargalhada. Mães, avós e pais conversavam entre si, as risadas dos adultos misturavam-se com as dos mais pequenos e, de vez em quando, com um choro repentino.

— Não é nada, só uma esfoladela no joelho! — dizia alguém, e a criança voltava imediatamente a sorrir e a brincar.

Matilde olhou em volta, um pouco preocupada.

— Ainda bem que hoje de manhã deixei o *Bichano* no jardim — pensou, agarrando as alças da mochila. Mas receava que os gritos, as gargalhadas, os choros e todo aquele caos do parque infantil o tivessem feito fugir.

Então, estugou o passo, meteu pelo caminho que se adentrava pelas árvores, por onde havia passado de manhã, e procurou-o entre os arbustos para onde lançara o elástico.

— Hum, papéis, sujidade, folhas... mas nenhum sinal do *Bichano*! — murmurou, olhando em volta.

Não lhe restava senão vasculhar todo o parque, e foi o que fez. Baixava-se para examinar os recantos mais escondidos, observava atentamente cada detalhe em busca de alguma pista. Estava tão concentrada que conseguiu criar uma bolha impenetrável à sua volta: todos os ruídos de fundo, as vozes das crianças, o barulho do parque, desapareceram, e Matilde conseguia ouvir claramente o farfalhar das folhas sob os seus pés e o mais pequeno ruído entre os arbustos, como se o mundo lhe estivesse a revelar pequenos segredos.

Enquanto procurava *Bichano*, não conseguiu conter um sorriso.

— É como se fosse o Bilbo Baggins — disse para si mesma, lembrando-se do protagonista do filme *O Hobbit*, que vira recentemente. — Pode ser que também encontre uma joia mágica aqui em baixo!

E talvez estivesse certa, porque de repente o seu olhar incidu sobre algo. Espreitou entre os ramos de um arbusto. Havia um pequeno objeto rosa preso entre as folhas. Aproximou-se um pouco mais e, quando conseguiu focar a imagem, o coração saltou-lhe no peito: era o seu elástico de cabelo!

— *Bichano!* — chamou ela, esperando que o pequeno amigo respondesse. Esperou, imóvel, com a respiração suspensa. Mas nada, nenhum miado, nenhum barulho. Apenas o som distante das crianças a brincar no parque. Matilde suspirou, enfiando o elástico no bolso, mas não desistiu. Ras-tejando pelo chão, começou a percorrer um pequeno túnel entre os galhos que parecia ter sido feito especialmente para ela. A cada metro, o resto do mundo parecia afastar-se um pouco mais. Cerrou os dentes e encolheu-se de modo a passar por um ponto particularmente estreito e, quando finalmente emergiu do outro lado, encontrou-se numa clareira tranquila, longe dos caminhos. Mas não havia sinal do gatinho. Tudo o que lhe fazia companhia era um vento leve, alguns raios de sol que se infiltravam entre os galhos e um passarinho a cantar, escondido algures.

Mordeu o lábio, tentando conter a decepção.

— *Bichano?* — chamou novamente, mas, mais uma vez, a sua voz não obteve resposta. Com um leve suspiro, encostou-se ao tronco de uma grande árvore e deixou-se deslizar até tocar o chão, com o olhar voltado para baixo, agora quase resignada.

— Talvez se tenha ido embora... — pensou tristemente. — Talvez se tenha assustado e encontrado outro lugar.

Porém, quando estava prestes a perder a esperança, algo a fez sobressaltar-se. Um farfalhar acima dela. Levantou a cabeça lentamente e a boca abriu-se de surpresa. Do ramo mais baixo da grande árvore sob a qual estava sentada, dois pequenos olhos brilhantes fitavam-na.

— Encontrei-te! — exclamou, com o coração cheio de alegria.

Estendeu a mão para o gatinho, e ele desceu imediatamente da árvore, aconchegando-se nos seus braços. O pelo suave fazia-lhe cócegas no queixo.

A menina colocou delicadamente o gato na relva e sentou-se ao lado dele. O pequeno felino rolou de costas, com as patas para o ar, a ronronar de alegria.

Finalmente juntos, brincaram por alguns minutos: Matilde agitava um galho e o gatinho perseguia-o com movimentos rápidos e desajeitados, demonstrando toda a sua vontade de se divertir. Mas já era tarde...

— Ai, tenho de ir — disse de repente a menina, olhando para o céu, que começava a ficar alaranjado.

Colocou de novo a mochila às costas.

— Agora descansa, vemo-nos amanhã, está bem? Agora que sei onde te escondes, vou encontrar-te rapidamente e poderemos brincar mais — disse ela, enquanto o gatinho voltava a preparar pelo ramo da árvore.

No caminho para casa, Matilde começou a pensar em como poderia tornar o abrigo do gatinho mais quente, macio e acolhedor. «Talvez amanhã possa levar-lhe uma mantinha...»

Estava tão concentrada que não percebeu que, atrás de si, o gatinho a seguia sem tirar os olhos dela, mantendo-se a cerca de vinte metros para não ser notado. Trotou atrás dela até vê-la entrar no acesso da casa e fechar a porta atrás. Matilde tinha encontrado o seu refúgio entre os arbustos, mas ele também descobrira o dela.

Uma história doce e mágica que vai aquecer os nossos corações.

Esta história começa com um gatinho de seis semanas, de nariz sujo, olhos verdes brilhantes e pelo preto eriçado, a vaguear sozinho, à chuva, pelas ruas de uma cidade. Não sabe aonde o levará o seu percurso ou com quem se cruzará, mas são muitas as histórias e as pessoas que já o esperam, para juntos percorrerem esse caminho.

A jovem Matilde, vítima de *bullying* pelos colegas de escola; Diana e Paolo, almas solitárias destinadas a unir-se; Mario, um estafeta que ficou sem emprego e sem casa; Demir, um rapaz de coração enorme e grandes sonhos; Teresa, uma idosa que precisa de companhia; e Elena, uma mulher com uma carreira brilhante, mas infeliz.

Para eles, o protagonista desta fábula será o fiel companheiro que lhes trará conforto nos momentos difíceis, a presença que os ajudará a encontrar coragem para dar aquele passo importante, o amigo em quem poderão confiar nos momentos de solidão. Mas ele não sabe tudo isto, porque ainda é um gatinho e isto é apenas o começo. O começo da história do gato dos sete nomes.



**Um romance terno
e divertido que nos ensina
o que, no fundo, todos os
amantes de gatos já sabem
de cor: ter um pequeno
felino ao lado pode mesmo
mudar a nossa vida.
Para melhor.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-597-7



9 789895 895977